

**O PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ESTUDANTES DO CEFET-RJ, ANTES E DEPOIS DO SISTEMA DE COTAS RACIAIS E SOCIAIS**

Valena Ribeiro Garcia Ramos\*

Caroline Araújo Bordalo\*\*

Marcia Menezes Thomaz Pereira\*\*\*

**RESUMO:** Neste artigo, são apresentados os resultados parciais de uma pesquisa quantitativa, realizada no âmbito do projeto de iniciação científica “Juventude (s) e os sentidos atribuídos ao universo da escola e do trabalho”, sobre as mudanças no perfil socioeconômico e demográfico dos estudantes do ensino médio e técnico do campus Maracanã do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), depois do sistema de cotas sociais adotado em 2013. Dentre as mudanças identificadas foi observado que os estudantes pretos que ingressavam na instituição antes das cotas pertenciam as faixas salariais médias e altas. Ao passo que, depois das cotas, o perfil de renda deste segmento se modificou, estando os estudantes pretos ingressantes nas menores faixas salariais. No que se refere a idealização do projeto de escolarização pelos jovens, a finalização do curso profissionalizante de nível médio, mesmo com a mudança do perfil dos estudantes, continua a ser visto como uma etapa importante para a conquista do diploma universitário.

**Palavras-chave:** desigualdade; juventudes; educação.

**ABSTRACT:** In this article, the authors present the partial results of a quantitative research, carried out within the scope of the scientific initiation project "Youth (s) and the meanings attributed to the universe of school and work", on the changes in the socioeconomic and demographic profile of students high school and technical school on the Maracanã campus of the Federal Center for Technological Education Celso Suckow da Fonseca (CEFET / RJ), after the social quota system adopted in 2013. Among the changes identified, it was observed that black students who entered the institution before quotas belonged to the medium and high salary ranges. Whereas, after the quotas, the income profile of this segment has changed, with black students entering the lowest salary brackets. With regard to the idealization of the schooling project by young people, the completion of the vocational high school course, even with the change in the profile of students, continues to be seen as an important step towards the achievement of a university degree.

**Keywords:** inequality; youth; education.

\* Professora de Sociologia do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ. Doutora em Antropologia pelo PPGA/UFF.

\*\* Professora de Sociologia do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ. Doutora em Ciências Sociais pela PUC-RJ, Mestre em Ciências Sociais pela UFRRJ e socióloga pela UFF.

\*\*\* Professora de Sociologia do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ. Doutoranda em Ciências Sociais PPCIS/UERJ.

## Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados parciais de uma pesquisa quantitativa, realizada no âmbito do projeto de iniciação científica “Juventude (s) e os sentidos atribuídos ao universo da escola e do trabalho”<sup>1</sup>, sobre as mudanças no perfil socioeconômico dos estudantes do ensino médio e técnico do *campus* Maracanã do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), depois do sistema de cotas sociais adotado em 2013.

Para efeitos da pesquisa realizada, os estudantes do CEFET/RJ auto reconhecidos e intitulados como pertencentes à juventude foram considerados em sua pluralidade quanto às identidades de classe, gênero, cor de pele/etnia, local de moradia e religiosa; uma vez que ser jovem é ao mesmo tempo um tipo de representação social e uma condição social.

As noções de juventudes são construções sociais, culturais e históricas correspondentes à diferentes épocas, portanto, uma categoria dinâmica (CARRANO & DAYRELL, 2014). Desta maneira, resultam de processos recorrentes de lutas entre os agentes sociais pela imposição de certo olhar sobre as juventudes e, ao mesmo tempo, no investimento desse segmento populacional na elaboração da própria imagem (BOURDIEU, 1983).

Determinadas representações sociais podem incorporar imagens positivas ou negativas, de exaltação ou mesmo desqualificação social que reforçam preconceitos ou incorporam visões romantizadas. Positivamente, o jovem tem o seu valor simbólico nas qualidades da beleza, saúde, coragem e capacidade de indignação. Ao mesmo tempo, ele é considerado, de forma negativa, como lócus das manifestações de inquietação e dos riscos deletérios decorrentes de problemas sociais, como a violência, as drogas, a gravidez na adolescência, a AIDS, ou ainda a adesão à irresponsabilidade e ao desperdício (NOVAES, 1998; CARRANO & DAYRELL, 2014).

Assim, as juventudes não devem ser pensadas pela ótica dos problemas sociais, reduzindo a sua complexidade a certos estereótipos que nada contribuem para elucidar o seu lugar nos diversos processos sociais. Ao contrário, precisam ser entendidas como sujeitos de direitos que veem geralmente negligenciadas suas demandas no desenvolvimento de políticas

---

<sup>1</sup> O projeto de Iniciação Científica mencionado vigorou entre 2013 e 2016, contando com a colaboração do professor Mesalas Ferreira e dos estudantes, Ricardo C. N. da Silveira, Tharsila C. Maurício, Lucas de O. Meireles, Guilherme do N. Concidera, Caio C. de O. Gomes, Thaís S. da Silva, Guilherme O. Coutinho e Yasmim Filgueiras. Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 27, 1º sem. 2021, p. 86-103

públicas. Sendo exemplo disto, os dilemas da promoção da educação para os jovens e os conflitos com demais interlocutores nos espaços escolares (CARRANO & DAVRELL, 2014).

Ademais, as juventudes não são apenas representações sociais, devendo ser, por isso compreendidas em suas condições sociais que não se reduzem aos aspectos biológicos e etários de uma fase de vida; estando também relacionadas às distinções de classe, de cor da pele e étnicas, culturais, religiosas e de gênero. Da mesma maneira, condicionadas por diferenças territoriais constitutivas de identidades e estilos de vivenciar a juventude. Assim sendo, as condições e os contextos socioculturais e históricos se tornam fundamentais para entender como os jovens experienciam o seu modo de ser e as diferentes vinculações sociais (CARRANO & DAVRELL, 2014).

Neste esforço de análise das juventudes, investimos inicialmente no levantamento do perfil socioeconômico, visando posteriormente a compreensão da diversidade de um segmento específico da juventude, os estudantes do CEFET-RJ, com o objetivo de propiciarmos uma reflexão futura sobre os significados atribuídos ao mundo da escola e do trabalho.

## **1. O Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca**

Antes de apresentarmos os resultados de nossa pesquisa, é preciso localizar, ainda que brevemente, o leitor no contexto escolar onde ela foi realizada. O CEFET-RJ é uma instituição centenária que teve sua origem ainda em 1917 como Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz e atualmente compõe a rede federal de ensino técnico e tecnológico, cujo currículo vertical oferece cursos técnicos integrados ao ensino médio, cursos subsequentes (pós-médio), tecnológicos, de graduação e pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* (mestrado e doutorado), com base na tríade ensino, pesquisa e extensão. Por meio de sua história particular, é possível conhecer a história das políticas públicas educacionais no país, ao longo dos séculos XX e XXI, e sua relação específica com o ensino técnico brasileiro, bem como a própria dinâmica das transformações do mundo do trabalho em nosso cenário, dada sua relevância no quadro educacional (BRANDÃO, 1997; 2009a; 2009b).

Desde a expansão da rede federal de ensino, nos anos 2000, a instituição conta com o *campus*-sede Maracanã e com mais sete *campi* distribuídos pelo estado do Rio de Janeiro, quais sejam: Angra dos Reis, Itaguaí, Maria da Graça, Nova Friburgo, Nova Iguaçu, Petrópolis e Valença. No ano de 2013, a instituição passou do modelo ensino técnico concomitante ao

ensino médio para o modelo de ensino médio integrado<sup>2</sup>, oferecendo no *campus* Maracanã os seguintes cursos de nível médio: Administração, Edificações, Eletrônica, Eletrotécnica, Estradas, Informática, Mecânica, Meteorologia, Segurança do Trabalho, Telecomunicações e Turismo. Data deste ano também a implementação do sistema de cotas sociais para o ingresso nas instituições federais e públicas de ensino, por determinação do Ministério da Educação, apresentando uma política afirmativa voltada para estudantes pretos, pardos e indígenas, estudantes oriundos de escola pública e estudantes com um corte de renda familiar específico. É neste contexto de mudanças substantivas na instituição que esta pesquisa foi realizada.

## 2. Descrição dos métodos da pesquisa

A equipe de pesquisa utilizou o método quantitativo para a coleta dos dados. Durante o ano de 2013<sup>3</sup>, foram aplicados 184 questionários estruturados<sup>4</sup>, com perguntas fechadas, aos estudantes da primeira série dos cursos integrados ao técnico em Segurança do Trabalho, Mecânica e Eletrotécnica, e da segunda e terceira séries do sistema de formação técnica concomitante ao nível médio, vinculados aos cursos técnicos de Eletrônica, Eletrotécnica, Informática, Segurança do Trabalho, Mecânica, Edificações e Telecomunicações.

A elaboração e aplicação do questionário e a análise dos dados foram realizados exclusivamente pela equipe de pesquisa, servindo de referência para a análise aqui apresentada. Neste contexto, a instituição não possuía levantamento socioeconômico sobre os estudantes, a não ser dos participantes do processo seletivo de ingresso no CEFET/RJ e os dados quantitativos de estudantes matriculados por modalidade de ensino, curso e turma, sendo este um dos motivos para a realização desta pesquisa.

O ano de 2013 foi escolhido como um período crucial, porque, como dissemos na seção acima, foi instituído o sistema de cotas sociais no ingresso de novos estudantes, permitindo avaliar o perfil dos estudantes antes e depois. Além disso, ocorreram mudanças de natureza pedagógica na estrutura dos cursos, uma vez que a formação técnica deixou de ser concomitante ao ensino médio para se tornar integrada a esse nível de ensino. Os estudantes que ingressaram antes de 2013 estudavam em horário integral, cursando o ensino básico de nível médio num

<sup>2</sup> Sobre a implantação do ensino médio integrado no CEFET-RJ, ver BRUNOW, 2017.

<sup>3</sup> Entre os 2014 e 2016 foram aplicados 708 questionários, cujos dados não serão aqui apresentados.

<sup>4</sup> Os questionários foram autopreenchidos pelos estudantes do CEFET/RJ com o apoio dos professores de sociologia e dos bolsistas de Iniciação Científica durante as aulas de Sociologia.

turno e o técnico em outro, podendo obter formação nas duas modalidades ou em apenas em uma. Com o ensino médio integrado, a escola passou a ter turmas de ensino médio por área técnica em apenas um turno, e como um componente curricular reduzido incluindo disciplinas técnicas e básicas de nível médio orientadas por princípios de uma educação politécnica.

A amostra foi definida aleatoriamente e para a margem de erro, logo a seguir apresentada, consideramos o universo total dos alunos dos cursos integrados ao técnico de segurança do trabalho, mecânica e eletrotécnica, ingresso na instituição em 2013, ano de instituição das cotas sociais, e que estavam cursando a primeira série. Assim como o total de alunos do segundo e terceiro anos do regime de formação técnica concomitante ao médio, cujas turmas são compostas por alunos de diferentes cursos técnicos.

De acordo com os dados oficiais da Diretoria de Assuntos Acadêmico do CEFET-RJ, que não estão disponibilizados publicamente<sup>5</sup> e que serviram de referência para a definição apenas da amostra, no *campus* Maracanã, no ano de 2013, o número total de alunos do universo descrito acima é de 920 matriculados. Foram aplicados 184 questionários, de acordo com a distribuição do universo da pesquisa e da amostra apresentada nas tabelas 1 e 2 a seguir:

**Tabela 1: Número de alunos ingressos em 2013 por curso e questionários aplicados.**

Curso Técnico Integrado	Nº de Alunos	Questionários Aplicados
Curso Técnico Integrado em Eletrotécnica – 1ª série	71	30
Curso Técnico Integrado em Mecânica – 1ª série	73	52
Curso Técnico Integrado em Segurança do Trabalho – 1ª série	40	27
total	184	109

**Tabela 2: Número de alunos ingressos antes de 2013 por série e questionários aplicados**

Curso Técnico Integrado	Nº de Alunos	Questionários Aplicados
Formação Técnica e Média – 2º ano do EM	342	23
Formação Técnica e Média – 3º ano do EM	394	50
Total	736	73

<sup>5</sup> A ausência publicização dos dados pela instituição dificultou a obtenção de mais informações.  
Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 27, 1º sem. 2021, p. 86-103

A margem de erro é de 5 % e o grau de confiança de 90%. Ainda que a margem de erro esteja elevada, as informações aqui apresentadas colocam questões sociológicas importantes para os objetivos da pesquisa, tornando-se um ponto inicial para investigações qualitativas, que poderão ser futuramente desenvolvidas, sobre a escolarização dos filhos da classe trabalhadora.

### 3. Resultados e meios experimentais de pesquisa

Nesta seção, apresentaremos os dados sobre o perfil socioeconômico dos estudantes do CEFET/RJ (Maracanã), antes e depois do sistema de cotas sociais. Consideramos, para isso, o sexo<sup>6</sup>, a faixa etária, a renda familiar, a cor/etnia/ascendência étnico-racial, a religião, o local de moradia, o acesso aos bens de consumo e bens culturais e a situação em relação à moradia. No que diz respeito a distribuição por sexo do universo de entrevistados, apresentada no gráfico 1, 63% pertencem ao sexo masculino (114 estudantes), enquanto 37% ao feminino (68 respondentes).

Esse percentual é interessante, pois permite algumas indagações acerca do tema da reprodução dos papéis sociais de gênero e de como eles orientam escolhas individuais. Isto é, sendo o gênero um sistema da construção da diferença e de cosmovisões de mundo, pode influenciar nas escolhas profissionais, ou mesmo expressar o problema da desigualdade de gênero no acesso ao saber. Assim, observar se os diferentes cursos técnicos são identificados pelos estudantes como capazes de transmitir conhecimentos compreendidos como próprios ao universo feminino ou masculino, ou seja, se representam vinculações construídas entre identidade profissional e gênero; ou, ainda, se os estudantes relacionam diferenças em sua formação e experiências no espaço escolar de acordo com o gênero, podendo, dessa maneira, suscitar reflexões alvissareiras não apenas para os estudos das trajetórias educacionais, mas também sobre as relações sociais no mundo do trabalho, no que tange o debate sobre gênero em nossa sociedade.

As questões acima se tornam relevantes para pensar o perfil de gênero dos estudantes diante das considerações de Hirata (2015) que apontam para a permanência da

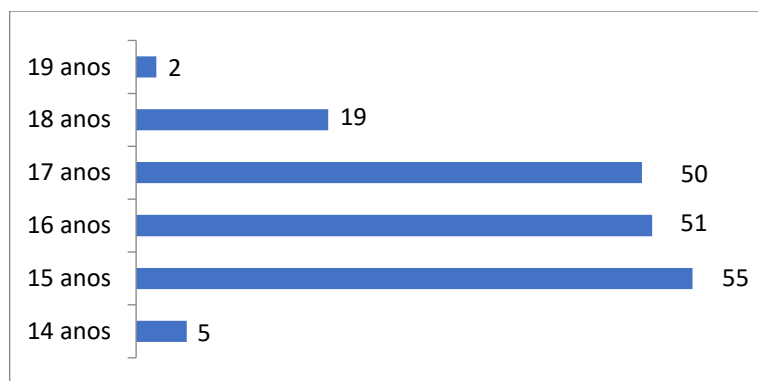
---

<sup>6</sup> Ainda que envolvam questões éticas e políticas, optamos por colocar a identificação do sexo e não uma pergunta sobre a identidade de gênero que não se refere apenas aos padrões cisgêneros, mediante avaliação sobre possíveis implicações num cenário de aumento do conservadorismo e da vigilância sobre a escola, uma vez que foi aplicada entre estudantes menores de idade. Por fim, incluímos uma pergunta aberta sobre situações de preconceito e discriminação dentro e fora do espaço escolar.

indissociabilidade entre divisão sexual do trabalho, do saber e do poder existente entre homens e mulheres na sociedade e na família. Ainda que haja um aumento da escolaridade entre as mulheres, as desigualdades de gênero permanecem e podem ser identificadas nas diferenças salariais, nos vínculos empregatícios, nas posições de poder e repartição do trabalho doméstico.

Conforme o gráfico 1, os estudantes se encontram na faixa etária entre 14 e 19 anos.

**Gráfico 1: Distribuição dos estudantes por faixa etária**



Além disso, observamos a quase inexistência de estudantes trabalhadores ou de trabalhadores estudantes, aspecto que, a princípio, não se alterou de forma significativa, apesar da mudança no perfil dos estudantes com as cotas. A condição de trabalhador é um fato que pode vir a influenciar na escolarização das juventudes, devendo, assim, ser considerado nas análises futuras.

Nesse sentido, Zano (2011) identificou percursos escolares fragmentados entre jovens das camadas populares por ela pesquisados, atribuindo isto, portanto, às condições socioeconômicas de precariedade que levaram à inserção laborativa dos jovens como pedreiros, pintores, camelôs, empregadas domésticas e faxineiras, e o distanciamento temporário da escola. Além disso, a autora constatou dois sentidos comuns atribuídos à escolarização pelos jovens e suas famílias, conforme trecho a seguir:

(...) o reconhecimento da educação escolar como requisito básico para responder às exigências do mercado de trabalho e, sobretudo como possibilidade de romper com as condições de pobreza familiar, é variável colocada pelos pais de forma recorrente, independentemente das diferenças internas do grupo estudado. Uma análise do significado que eles atribuem à escolarização de seus filhos revela que a valorização da instrução se alicerça ao menos sobre dois pilares: o que corresponde a uma lógica prática ou

instrumental da escola (domínio de saberes fundamentais e integração ao mercado de trabalho) e outro, voltado para a escola como espaço de socialização e proteção dos filhos do contato com a rua, do mundo da droga, das más companhias, indicando a inseparabilidade entre instrução e socialização (ZANO, 2011, p. 23-24)

No CEFET/RJ, a despeito da diversidade de condições sociais, tais condicionantes entre os estudantes pertencentes às famílias com baixos rendimentos são anemizados em detrimento das políticas de assistência estudantil e das possibilidades de desenvolver atividades acadêmicas remuneradas através das bolsas de incentivo à pesquisa e extensão. Dos 184 pesquisados, 26 deles possuem algum tipo de bolsa ou auxílio, sendo que 20 recebiam auxílio estudantil e 6 estavam incluídos no programa bolsa família.

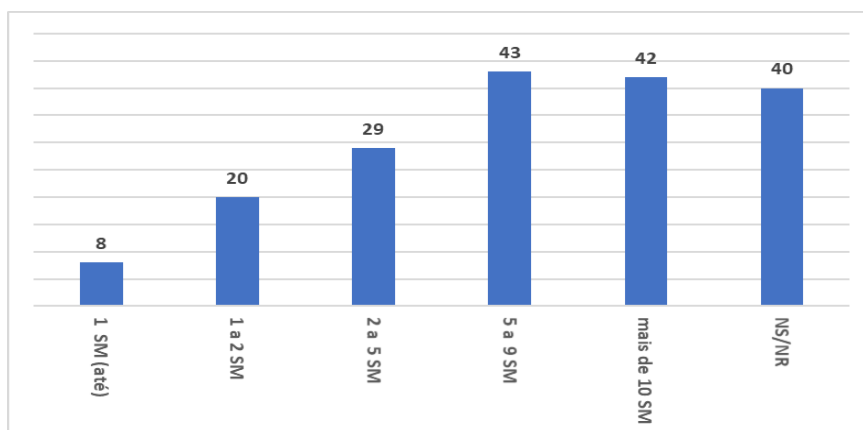
No que diz respeito à organização familiar, os estudos antropológicos de Neves (1999) afirmam que, nestes ciclos de vida, os jovens das camadas populares investem na autonomia frente aos pais, buscando vinculações sociais que marcam a transição para a vida adulta, seja através de inserções no mundo do trabalho cada vez mais precárias e restritivas, seja decorrente da antecipação da maternidade ou nupcialidades, seguidas de formas de coabitação com as famílias de origem. No entanto, Camarano (2006) observa o quanto as desigualdades de cor da pele e etnia, classe e gênero e as violências e suas interconexões territoriais vivenciadas pela juventude podem influenciar em processos de transição para a vida adulta não lineares e dessincrônicos, distantes dos padrões idealizados que pressupõem investimentos na escolarização, seguido da inserção ocupacional e da formação núcleos familiares independentes.

No caso do CEFET/RJ há uma valorização deste vínculo institucional por parte dos estudantes, de modo que a escola é encarada como espaço de construção para a mobilidade social e de crescimento e autonomia pessoal, portanto, de processos de transição para a vida adulta, aspecto que merece ser aprofundado. A busca pela autonomia aparece nos casos recorrentes de intercâmbio escolar oferecido aos estudantes do CEFET/RJ em instituições estrangeiras. Ao mesmo tempo, nas situações em que estudantes fora dos padrões dominantes de gênero e que, por isto, possuem relações familiares conflituosas, rompem com a família e, posteriormente, com a escola, procurando uma inserção no mercado de trabalho.



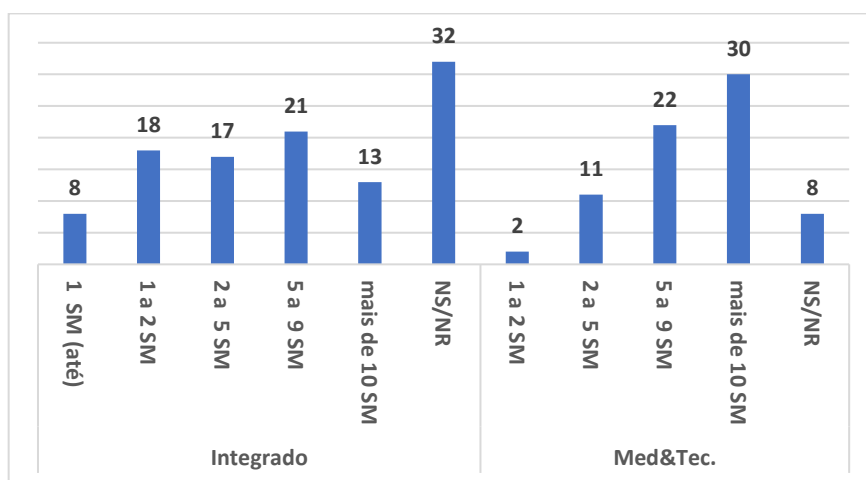
No tocante aos dados de renda familiar do universo total dos estudantes, disponibilizados no gráfico 2, verificamos uma diversidade socioeconômicas entre os estudantes<sup>7</sup>:

**Gráfico 2: Distribuição dos estudantes por faixa de renda (ingressos antes e depois das cotas sociais)**



No gráfico 3, apresentamos a renda mensal dos pesquisados, de forma separada, em dois grupos diferentes: alunos que ingressaram na instituição antes das cotas estando, portanto, vinculados ao ensino médio concomitante ao técnico (Med&Tec), e aqueles que entraram depois, matriculados no ensino médio integrado ao técnico (Integrado).

**Gráfico 3: Renda familiar dos estudantes por modalidades de ensino (médio e técnico e integrado)**



<sup>7</sup> Foi significativo o número de pesquisados que não souberam ou não responderam a informação sobre a renda familiar, inviabilizando a construção de um retrato mais fiel.

Os alunos vinculados ao ensino médio e técnico e que ingressaram na instituição antes das cotas possuem renda mais elevada, estando poucos situados entre as faixas inferiores de renda. Identificamos também que as famílias destes jovens são pouco numerosas, sendo compostas por 3 a 4 membros. Quando comparamos a renda familiar dos estudantes antes de 2013 com os ingressantes após as cotas, observamos um aumento considerável de alunos com baixo rendimento e diminuição daqueles situados em estratos de rendas mais elevadas.

Os dados sobre cor da pele e identidade étnico-racial são apresentados a seguir, tanto de forma separada quanto agregada aos dados socioeconômicos, a fim de observar as interconexões entre condição racial e pobreza. Todavia antes de apresentá-los, destacamos como considerações metodológicas a utilização não apenas dos critérios de cor, mas também de ascendência étnico-racial, e o agrupamento dos estudantes que se autodeclaram como pardos e pretos, ainda que tais opções estivessem separadas no questionário.

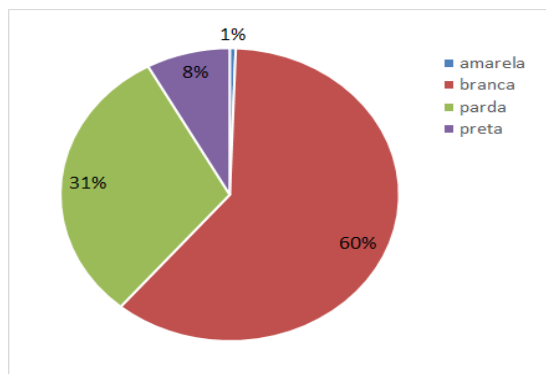
A cor da pele é fundamental para pensar as desigualdades raciais e a maneira como interfere nas possibilidades dos negros experienciarem a condição de jovens e a escola que é dinamizada por processos ambíguos e contraditórios, seja de inclusões e mobilidade social, seja de exclusão e conflitos sociais baseados não só na cor de pele, mas na ascendência étnica, origem social e no gênero. Onde também a discriminação racial marca a vivência dos jovens pretos, uma vez que nela se transmite não só saberes escolares, como também valores, crenças, hábitos, portanto, saberes sociais e culturais que reproduzem preconceitos, além de colaborar para a construção de identidades sociais que, no caso da negra, lamentavelmente reforçam estereótipos, especialmente sobre o seu padrão estético, sendo o cabelo crespo e a cor da pele fortes elementos identitários (GOMES, 2000).

Mesmo com a problematização do conceito de raça e o consenso acerca de sua inexistência, o preconceito e a discriminação racial no Brasil se constituem basicamente por critérios fenotípicos que atribuem importância à cor da pele e não à origem, sendo pautado, portanto, por um preconceito de marca, como demonstrou Nogueira (1998). E, ao mesmo tempo, por uma ideologia do branqueamento, que, segundo Ianni (1987), classifica grupos raciais encarados como inferiores a partir de características físicas, mais ou menos próximas aos padrões raciais idealizados, permitindo, assim, uma ambiguidade nas posições ocupadas pelos indivíduos mestiços. Todavia, o conceito de etnia que surgiu para orientar análises sobre o tema enfatizando a identidade social, como também os traços constitutivos da cultura, memória e tradição a partir da noção de pertencimento (GUIMARÃES;1999), não foi suficiente

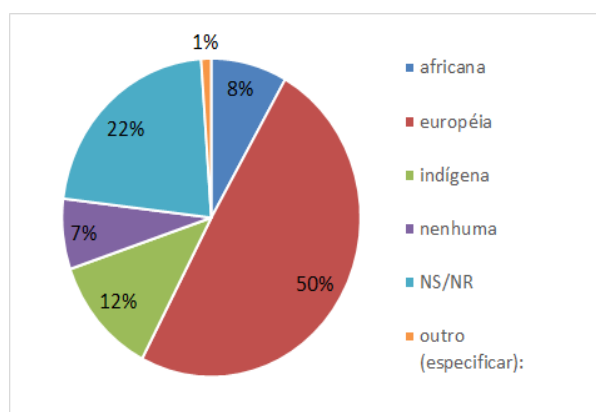
para fazer frente ao pensamento racista. Menos ainda as reconfigurações do racismo atual pautado em diferenças culturais e identitárias, como muito bem apontou Munanga (2008) quando enfatizou ser a mestiçagem critério social central à formação da identidade étnico-racial no Brasil.

Com relação aos dados sobre cor apresentados nos gráficos 4, 5 e 6, observamos que a maioria dos estudantes do CEFET-RJ se autodeclara como branca (60%) e se identifica com a ascendência europeia (50%), elemento central da memória familiar.

**Gráfico 4: Distribuição dos estudantes por cor.**



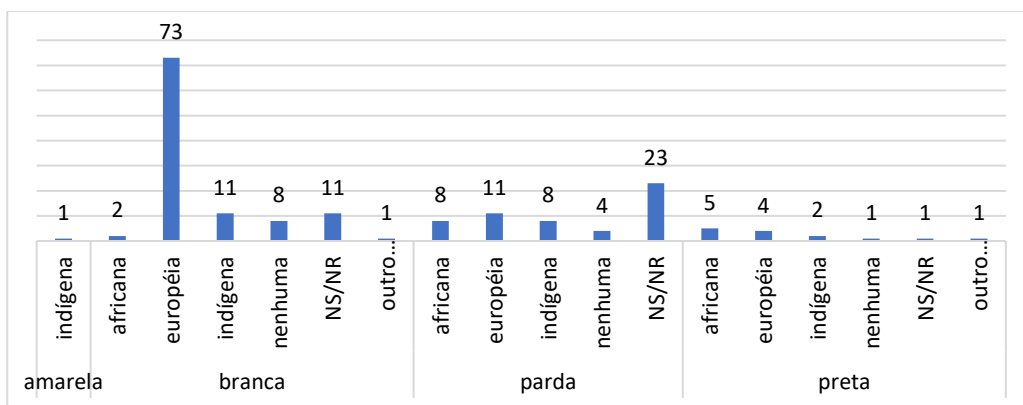
**Gráfico 5: Distribuição dos estudantes por ascendência étnico-racial.**



De acordo com o Gráfico 6 os estudantes se identificam mais com a ascendência europeia. Em contrapartida, os indivíduos que se autodeclaram pretos se identificam mais com uma ascendência africana, ainda que a europeia seja mencionada de forma significativa. Chama

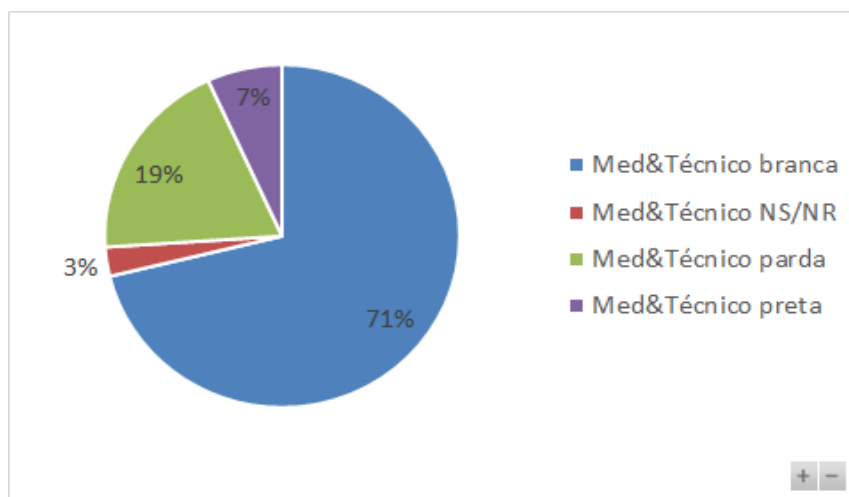
a atenção a ausência de uma referência étnico-racial entre os pardos, pois a maioria não se identifica com nenhuma das ascendências mencionadas.

**Gráfico 6: Distribuição dos estudantes por cor e ascendência étnico-racial.**

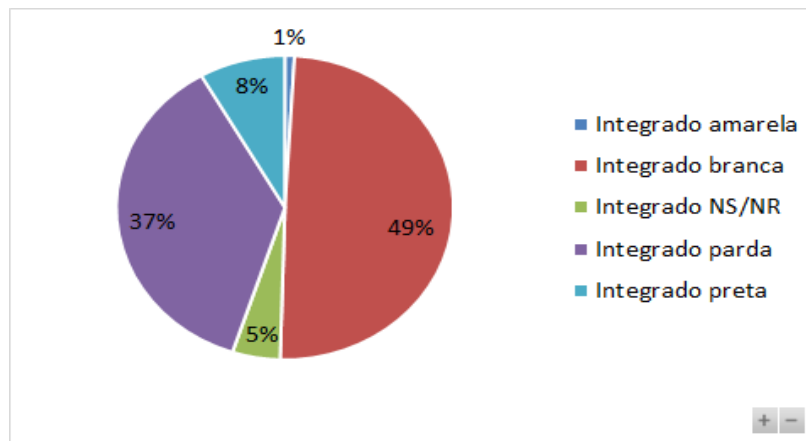


A relação entre desigualdade étnico-racial e educacional pode ser observada nos gráficos 7 e 8, apresentados a seguir. O sistema de cotas diminuiu a disparidade no acesso ao CEFET-RJ entre indivíduos brancos e pretos. Antes do sistema de cotas, 71% dos estudantes eram brancos, enquanto 26 % pretos e mestiços. Depois de cotas, 49% se autodeclaram como brancos, ao passo que, 46% como não brancos, ocorrendo um redirecionamento de 22% das vagas, reparando a desigualdade racial no acesso à educação pública de qualidade.

**Gráfico 7: Distribuição dos estudantes do ensino médio e técnico por cor, ingressos antes das cotas**

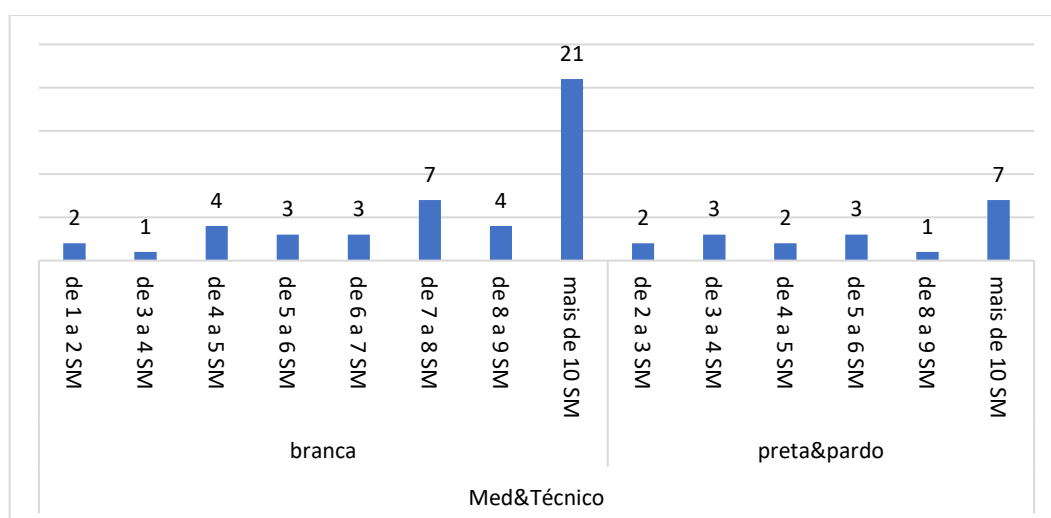


**Gráfico 8: Distribuição dos estudantes do ensino integrado por cor, ingressos depois das cotas**



Nos Gráfico 9 e 10 apresentados a seguir, cruzamos os dados de raça com os de renda familiar dos estudantes que ingressaram antes e depois das cotas. No gráfico 9 podemos observar que, os estudantes que ingressaram antes das cotas e se autodeclararam pretos e mestiços pertencem as faixas médias e altas de renda. Enquanto, a maioria dos estudantes brancos se situam na faixa mais alta de renda.

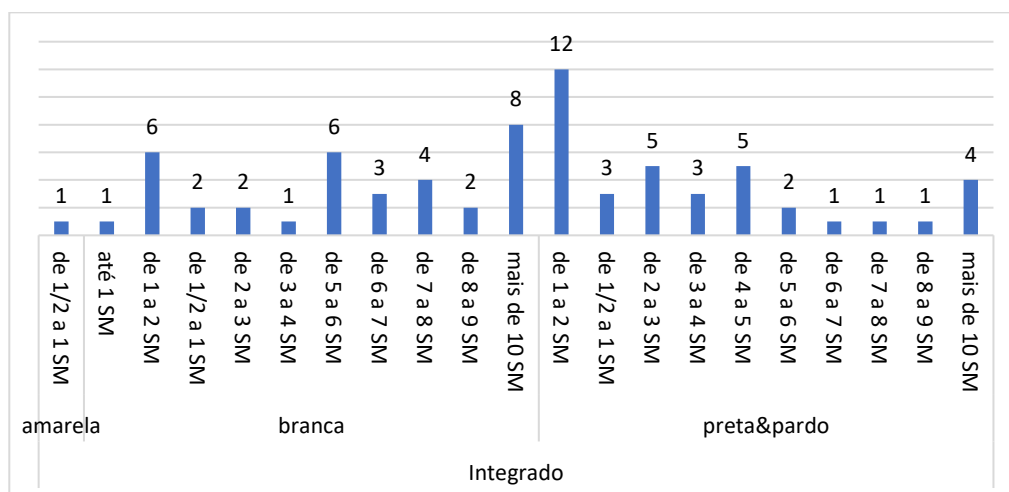
**Gráfico 9: Distribuição dos estudantes do ensino médio e técnico (antes das cotas) por renda familiar e cor.**



Enquanto no Gráfico 10, cruzamos os dados de renda familiar e de cor de pele dos estudantes que ingressaram depois das cotas. Com isso, percebemos que os estudantes negros  
Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 27, 1º sem. 2021, p. 86-103

e mestiços estão situados nas faixas salariais mais baixas. Portanto, entre os estudantes mais pobres, a maioria é composta por pretos. Ao passo que, entre as faixas mais altas de renda, estão os brancos.

**Gráfico 10: Distribuição dos estudantes do ensino médio integrado (depois das cotas) por renda familiar e cor.**



A partir dos dados apresentados, podemos concluir que se evidencia uma relação entre desigualdade racial e educacional. Antes das cotas, os estudantes pretos de baixa renda estavam excluídos do acesso ao CEFET/RJ, ingressando, apenas aqueles que pertenciam as faixas médias ou altas de renda. Portanto, mesmo entre estudantes com condições socioeconômicas semelhantes, há uma predominância do acesso à instituição de estudantes brancos do que os pretos. Assim sendo, depois das cotas, os estudantes negros situados em estratos salariais mais altos deixaram de ingressar na instituição.

Além disso, independentemente das condições socioeconômicas e da identidade étnico-racial, os estudantes não vislumbram a inserção imediata no mercado trabalho, ainda que na área de formação profissional (159 entrevistados, 86%), mas o ingresso na universidade como projeto idealizado de investimento na escolarização (76% dos entrevistados), contrariando as perspectivas dos gestores da instituição que apontavam no interesse pela formação técnica com o ingresso de estudantes de baixa renda.

### Considerações Finais

Frutos de lutas travadas pelos movimentos negros, as políticas afirmativas no âmbito das universidades, escolas técnicas e escola básica foram instituídas através da lei 10.639/2003 que garantiu a inclusão do ensino da cultura e história da África nos currículos escolares visando desconstruir o preconceito étnico-racial, e da Lei de nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, com o objetivo de garantir o acesso à educação superior e profissionalizante de segmentos historicamente excluídos devidos às condições de vulnerabilidade socioeconômicas ou étnico-raciais. Neste sentido, pretos, indígenas e estudantes de escolas públicas passam a concorrer entre iguais às vagas seletivas (FONTOURA, 2019).

Quase completando uma década da lei de cotas, os estudos sobre políticas afirmativas na educação apontam para o acesso de jovens das camadas mais pobres às instituições federais de educação, impactando nos projetos de aumento de escolarização deste segmento. Neste sentido, permitiram diminuir as desigualdades históricas, ampliando, portanto, a diversidade cultural, social e racial nestas instituições educacionais, cujo acesso seletivo vinha garantindo as camadas médias e altas o monopólio destes percursos escolares (FONTOURA, 2019).

As cotas no CEFET/RJ foram um passo importante para diminuir a exclusão dos jovens não brancos. No entanto, Oliveira & Martins (2015) destacam a necessidade de repensar os critérios de ingresso que estão associados à renda e avançar ainda mais na equiparação racial no acesso à educação, uma vez que o quantitativo de vagas para estudantes pretos é restrito:

(...) o CEFET/RJ ainda não se configura como sendo um ambiente multirracial e a experiência da política de cotas ainda está conformada como um processo que carece de acompanhamento, de aperfeiçoamento e intensos questionamentos. Com este trabalho, propõe-se produzir alguns debates, tais como discutir e repensar a respeito de uma tendência de branqueamento que ainda está intrínseca e que parece marcar fortemente o espaço escolar em questão (Oliveira & Martins, 2015).

Os dados desta pesquisa, ao apontar que os estudantes pretos das camadas médias e altas de renda deixaram de ingressar no CEFET/RJ após as cotas, corroboram com as análises de Oliveira & Martins (2015) que ressaltam o quanto a adoção de cotas para estudantes de baixa renda da rede pública de ensino, ainda que primordial, é insuficiente para a inserção mais efetiva dos jovens pretos, existindo no âmbito das políticas afirmativas uma secundarização do critério racial. Fato que nos remetem a relevância do debate travado pelos movimentos negros acerca da importância de critérios raciais na definição das políticas afirmativas, salientando o quanto

a condição étnico-racial influencia nas desigualdades educacionais. Ainda que algumas pesquisas (SANTOS & SASAKI, 2013) e reações de intelectuais, artistas, jornalistas e políticos, ao longo dos anos 2000, quando ocorreram debates mais ampliados, visassem legitimar posição contrária à adoção daquelas políticas, afirmando ser a condição social o problema do acesso democrático às universidades e escolas técnicas federais<sup>8</sup>.

Tais estudos contribuem como subsídios para avaliar questões importantes, como o impacto que o acesso à formação de qualidade pode gerar no enfrentamento das desigualdades raciais e sociais, sobretudo em contextos de desmantelamento de políticas públicas e das ações de promoção de igualdade racial no país, bem como na identificação das condições objetivas e simbólicas que garantem a permanência dos estudantes cotistas nas universidades e escolas técnicas federais, para além das políticas de assistência estudantil. Somando-se a isto, contribuem para pensar não apenas o fazer pedagógico, mas também o papel da educação pública profissional, principalmente quando a instituição representa uma etapa importante, tanto para a escolarização das frações da classe trabalhadora, quanto para inserções menos precarizadas no mercado de trabalho.

Nesse sentido, esperamos contribuir para outros olhares sobre a instituição, em particular daqueles construídos pelos estudantes e, assim, contribuir para a reflexão sobre os limites do ensino técnico e tecnológico em geral no país e a relação das juventudes com a escola pública.

### Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. “A Juventude é apenas uma palavra”. In: *Questões de Sociologia*. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1983.

BRANDÃO, Marisa. *Das artes e ofícios ao ensino industrial: continuidades, adaptações e rupturas na construção da identidade do CEFET-RJ*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 1997.

\_\_\_\_\_. “CEFET Celso Suckow da Fonseca e algumas transformações históricas na formação profissional”. In: *Trabalho Necessário*. ano 7, número 9, 2009a.

\_\_\_\_\_. *Metamorfose dos Cursos Superiores de Tecnologia no Brasil: política de acesso ao ensino superior em um Estado burguês*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2009b.

<sup>8</sup> Para a análise dos argumentos contrários às cotas no Brasil, ver JUNIOR, JF&VT DAFLON, 2015. *Revista Perspectiva Sociológica*, n.º 27, 1º sem. 2021, p. 86-103



BRUNOW, V.O. Politecnia, política pública educacional brasileira e a implantação do ensino médio integrado no CEFET-RJ: avanços e contradições. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

CAMARANO, A. A. Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

DAYRELL, J. & CARRANO, P. “Juventude e ensino médio: quem é esse aluno que chega à escola?”. In: DAYRELL, J., CARRANO, P, e LINHARES, C. Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Editora UFMG, 2014.

FONTOURA, L. F. da. Ações afirmativas e cotas: um estudo de revisão bibliográfica. Trabalho de Conclusão (Graduação) – Curso de Educação do Campo - Licenciatura, Universidade Federal do Pampa, Dom Pedrito, RS, 2019.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. Racismo e Anti-Racismo no Brasil. São Paulo: Editora 34, 1999.

HIRATA, Helena. “Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero: divisão sexual do trabalho numa perspectiva comparativa”. ANÁLISE nº 7/2015 Fundação Friedrich-Ebert-Stiftung (FES), São Paulo, 2015.

JUNIOR, J F & VT DAFLON. “A nata e as cotas raciais: genealogia de um argumento público”. In: OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, vol. 21, nº 2, agosto, 2015

MUNANGA K. “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação PENESB. Rio de Janeiro: PENESB; 2003.

\_\_\_\_\_. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica; 2008.

NEVES, D. P. A perversão do trabalho infantil: lógicas sociais e alternativas de prevenção. Niterói: Intertexto, 1999.

NOVAES, Regina. “Juventude/Juventudes”. In. Juventude: Conflito e Solidariedade. Revista Comunicações do ISER, n.50, ano 17. 1998.

REIS, L.I.G. “Jovens em Situação de Risco Social”. In. ALVIN, Rosilene e GOUVEIA, Patrícia. Juventude - Anos 90. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, 2000.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito de Marca. As Relações Raciais em Itapetininga. São Paulo: Edusp. 1998.

IANNI, Octavio. Raças e classes sociais no Brasil. 3 ed., revista e ampliada. São Paulo: Brasiliense, [1970] 1987.

RAMOS, V. R.G. Desemprego e malabarismos culturais. Dissertação (mestrado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

SANTOS, H.; SOUZA, M. G. de; SASAKI, K. “O subproduto social advindo das cotas raciais na educação superior do Brasil”. In: Rev. Bras. Estud. Pedagogia. (online), Brasília, v. 94, n. 237, 2013.

SPOSITO, M.P. “Algumas Reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil”. In. ABRAMO, H.W. e BRANCO, P.P.M. *Retratos da Juventude Brasileira. Análise de Uma Pesquisa Nacional*. São Paulo: Ed Abramo, 2005.

ZANO, Nadir. “Processos de Escolarização nos Meios Populares – Algumas Condições de Possibilidades”. In. Nogueira, M.A., Romanelli, Geraldo & Zago, Nadir. *Família e Escola. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Ed. Vozes: Petrópolis, RJ, 2011.